

INFLUÊNCIA DAS TICs NO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS

Laurine S  zerat*; Victor Andrade;

*PROURB- FAU; Mestranda; Rio de Janeiro – RJ; sezerat.laurine@gmail.com

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo estudar o papel das TICs no processo de apropria  o dos espaços urbanos. Com efeito, a difusão do uso das Tecnologias de Comunica  o e Informa  o (TICs) nos nossos ambientes cotidianos está na origem de reconfigura  o das práticas nos espaços urbanos e de muta  o das formas relacionais. Podemos observar *“uma reconfigura  o ontológica do espaço pela presença das TICs e pela troca permanente das rela  o es entre espaço físico e paisagem da web”* (LA ROCCA, 2013, p. 271, tradu  o nossa). Esse fenômeno renova a nossa abordagem    urbaniza  o e particularmente no projetar dos espaços urbanos. Assim, a reflexão apresentada neste artigo    fundamentada sobre a media  o digital do espaço urbano, ou seja, a hibrida  o das intera  o es soci  -espaciais com a comunica  o digital. Partiremos de alguns exemplos recentes de dinâmicas espaciais urbanas, analisados do ponto de vista das suas rela  o es com as TICs.

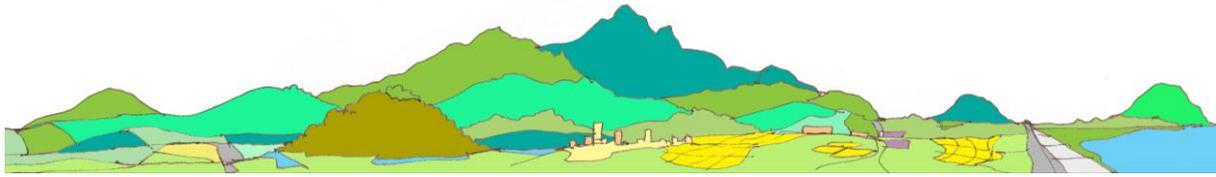
Palavras-chaves: TICs; rela  o s  cio-espacial, espaço urbano, espaço flexível

ICTs INFLUENCE IN THE PROCESS OF APPROPRIATION OF URBAN SPACES

ABSTRACT

This article aims to identify what new appropriation forms of urban spaces are revealed today. Indeed, the diffusion of use of Information and Communication Technologies in your daily environment is at the origin of a reconfiguration of practices in urban spaces and a mutation of relational forms. We can see "an ontological reconfiguration of space by the presence of ICTs and the permanent exchange of the relationship between physical space and web landscape" (LA ROCCA, 2013, p. 271, our translation). This phenomena has to be considered to renew our approach to urbanisation and particularly in the development of urban spaces. Thus, the reflection of the research is founded on the digital mediation of urban space, that is to say the hybridisation of socio-spatial interactions with digital communication. We begin from some recent examples of urban spatial dynamics, analysed from the point of view of its relations with ICTs.

Key-words: ICTs; socio-spatial ties; urban space, flexible space



INTRODUÇÃO

. ORIGEM DA NOÇÃO “APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO”

A origem da noção de “apropriação do espaço” vem da antropologia marxista, ela destaca a dimensão espacial das relações sociais e as relações de poder associadas. Nos anos 1970, Henri Lefebvre utiliza esta noção para definir sua teoria do “*Direito a cidade*” e analisar as dinâmicas de “*Produção do espaço*” (social) cotidiano (LEFEBVRE, 2000). Ele estudou a apropriação do espaço através das relações íntimas que os homens constroem com seu espaço de vida. Ele define os mecanismos pelos quais os indivíduos dominam um espaço e o consideram como parte da sua identidade. A apropriação do espaço é uma construção social, associada ao conceito de espaço vivido e, de maneira mais geral, àquele de habitar.

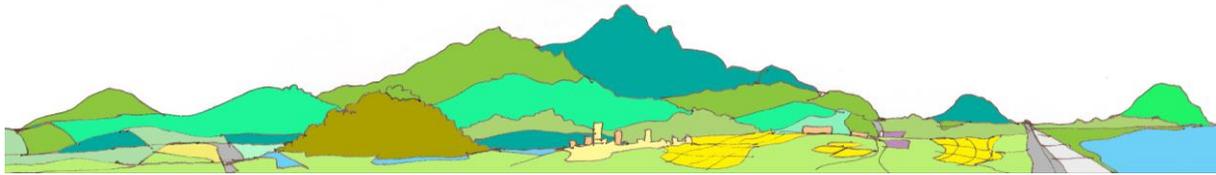
O habitar se define como a associação do espaço de vida dos indivíduos (espaço físico – objetivo) com suas práticas e percepções (espaço vivido – subjetivo). Ele não depende das distâncias físicas mas das distâncias afetivas.

No entanto, o espaço vivido é agora híbrido “*pela presença das tecnologias digitais no nosso ambiente cotidiano e pela troca permanente das relações entre espaço físico e paisagem do web*” (LA ROCCA, 2013, p. 271, tradução nossa). O habitar contemporâneo é, portanto, caracterizado pela nossa relação com vários espaços vividos.

. RELAÇÃO CONTEMPORÂNEA COM O ESPAÇO URBANO E RECOMPOSIÇÃO DO HABITAR

O desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) tem uma influência decisiva sobre as práticas urbanas e nos permite assumir uma co-espacialidade, ou seja, a capacidade de se conectar em vários espaços em todos os momentos. “*Co-espacialidade se torna uma forma de habitar comum das nossas sociedades*” (LUSSAULT, 2007, p.53, tradução nossa). Através de mapas interativos, computadores, GPS, telefones, celulares, cada vez mais estamos conectados aos outros e ao nosso meio ambiente.

François Ascher (1995) considera que somos uma soma de indivíduos hipertextos. Ele usa dessa analogia do sistema das palavras-links para qualificar como os indivíduos interagem



entre eles e com o espaço, e explicar as transformações ambientes da cidade contemporânea. Essas mutações têm naturalmente efeitos na vida social, elas contribuem para redefinir o nosso olhar sobre o espaço da cidade e, a luz dessa sociedade hipertexto, o conceito de habitar se "recompõe".

. TICS E PROCESSO ATUAL DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS

O espaço vivido contemporâneo é um espaço de interação entre as práticas no espaço físico e as informações divulgadas pelas tecnologias digitais. Para alguns autores (AURIGI e DE CINDIO, 2008), este fenômeno gera um aumento do espaço urbano, um espaço híbrido cujo potencial de informação, de interação, de percepção e de representação amplia-se. Esse espaço caracteriza-se pela densificação da camada de informações e intensificação dos processos de interações sociais.

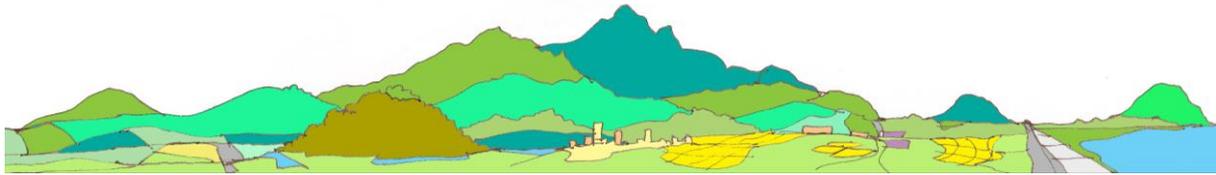
Trate-se, portanto, de buscar um melhor entendimento do caráter do espaço vivido reconfigurado pelo uso das TICs e as formas de relações sociais estabelecidas pela mediação digital. E, em particular, em qual medida as TICs têm uma influencia no processo atual de apropriação dos espaços urbanos e introduzem uma nova abordagem da elaboração desses espaços?

Na primeira parte do artigo, desenvolvemos uma reflexão sobre o uso social das TICs em torno de três formas de experiências do espaço: a visualização, a mobilidade híbrida e a memória coletiva. Em seguida, analisamos como esta mediação digital da experiência sócio-espacial desenvolve lógicas comunitárias e afetivas e participam do processo atual de apropriação dos espaços urbanos. Por fim, propomos diretrizes para projetar os espaços contemporâneos, capazes de adaptar-se nessas dinâmicas híbridas e efêmeras.

I. NOVAS ESTÉTICAS SOCIÓ-ESPACIAIS

I.1 VISUALIZAÇÃO AUMENTADA

Hoje em dia, o espaço urbano tem uma nova "visibilidade" com a influencia das tecnologias de captura de dados e especialmente de representação do espaço, como por exemplo as fotos satélites e a mapa mundial "Google Earth". A representação cartográfica digital contribui para a "visibilidade" do espaço urbano e para a conectividade entre os



indivíduos, as estruturas e os lugares no espaço. Mais interativos, os mapas digitais permitem adição de comentários, fotos, vídeos ou links.

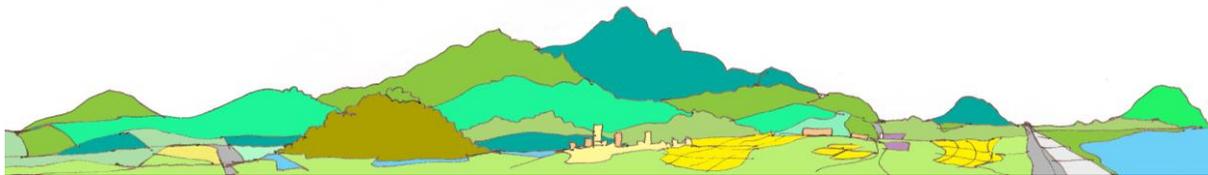
Essas imagens criam não somente uma nova estética espacial mas também uma estética de socialização na medida que elas facilitam as trocas de informações e contribuem para a constituição da realidade de nossas experiências cotidianas (BERGER e LUCKMANN, 2006). A especialização de dados digitais a partir da sua localização no espaço físico enriquece também a criação de conteúdos no cyberspaço (LEVY, 1997). O aplicativo “Flickr” pode ser um exemplo prático dessa hibridação. Este aplicativo apresenta sobre um mapa mundial as últimas fotos publicadas sobre “Flickr”, um dos mais importantes sites de compartilhamento de fotos. Sobre “Flickr vision”, o fato de visualizar o lugar onde as fotos foram divulgadas permite localizar em tempo quase-real uma atividade planetária e dá aos usuários o sentimento de habitar “as telas vivas” em uma construção colaborativa constante.

Com a quantidades de imagens similares que se acumulam neste site -imagens de um mesmo lugar ou mesmo evento-, podemos considerar que essas fotos não são especiais ou únicas. No entanto, a localização da experiência do ato fotográfico, divulgado no site, mostra a realidade da presença de uma pessoa no lugar e no exato momento onde ela tem ocupado o espaço. Uma vez divulgadas na Internet, estas experiências pessoais, fixadas pelas fotos, continuam a refletir nossa experiência e transmitem um meio diferente de mostrar e viver a nossa presença no mundo. Essa experiência sensível da visão condiciona nossos comportamentos nos espaços urbanos e nossa maneira de “estarmos juntos”.

I.2 MOBILIDADE HÍBRIDA

Consideramos as situações de mobilidade nos espaços híbridos como formas de deslocamento entre os lugares físicos da cidade e o espaço da rede de informação e comunicação. Elas podem ser ligadas a uma vontade de comunicar, se informar ou se localizar. Particularmente, os sistemas de geolocalização propõem novas formas de explorar e experimentar a cidade. Embora eles condicionem nossa experiência nos espaços urbanos ou podem reduzir o prazer de se perder pela cidade, eles têm um grande sucesso por causa da segurança que conferem ao possibilitar a orientação no espaço.

O aumento da percepção do espaço pela recepção de informações nos espaços urbanos, como por exemplo as indicações do GPS ou mapas digitais, amplifica nossas percepções sensoriais e abre às outras formas de espacialidades (DI FELICE, 2009). Com efeito, a



comunicação e informação digital modificam os modais de deslocamento e relação com os espaços urbanos, em favor de um conjunto de pertencimentos ligados às formas de ocupações ampliadas, mais ou menos efêmeras, que se constroem a partir das nossas situações cotidianas, e não necessariamente a partir de um contato físico. Estas mediações da percepção do espaço revelam assim uma hibridação da experiência subjetiva em relação com o espaço da experiência, na caracterização dos lugares e na maneira de pensar as relações sociais a partir de outras formas de espacialização.

I.3 MEMÓRIAS COLETIVAS

As TICs aumentam a nossa capacidade de estocar informações que podem tanto se referir a sensações, situações, lugares ou pessoas. Elas compõem uma memória coletiva que pode ser associada à memória de grupos sociais. Memória coletiva é muito importante quanto à modalidade da experiência espacial, no sentido em que revela uma forma de compartilhamento social da experiência. Em um grupo de indivíduos, ela refere-se à identidade, as representações, aos valores comuns, revela as características de uma cultura e fortalece as possibilidades de interpretações do espaço coletivo.

Por exemplo, o projeto “City of Memory” permite coletar estórias e experiências vividas em Nova York, e, portanto, cada estória é ligada a um lugar da cidade (os pontos no mapa). Elas são representadas sobre uma mapa interativo com eventos, personagens e lugares de vivência através de textos, gravações sonoras e vídeos (figura 1). Assim, as experiências de vida em Nova York são compartilhadas pelos habitantes e visitantes a partir de um conjunto de memórias consideradas como um caráter coletivamente criado e próprio a esse espaço.

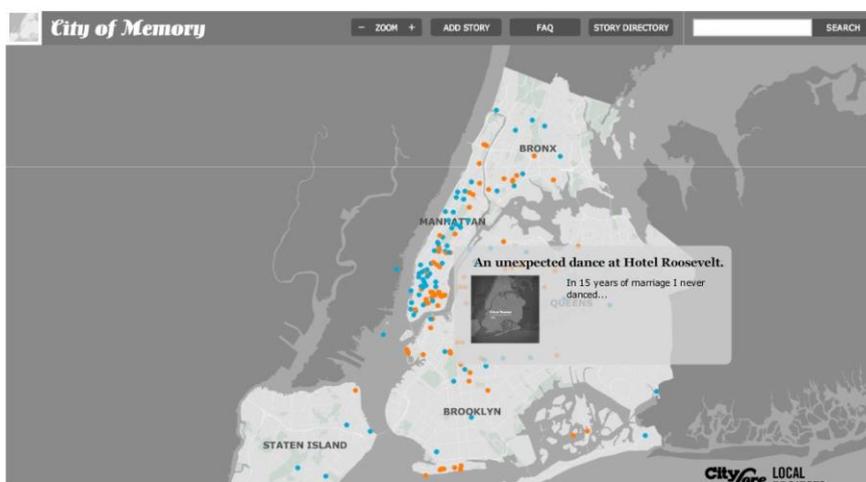
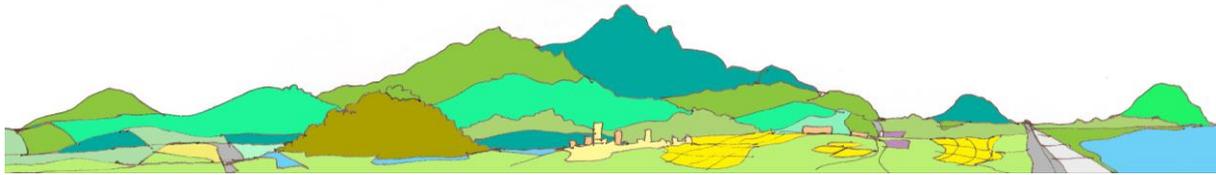


Figura 1: Lugares e estórias de vida. Fonte: site do projeto “City of Memory” (2015).



Este projeto cria uma “narração” da cidade pela representação cartográfica e dá uma leitura estética dos lugares e das atividades sociais, reforçando as relações sociais na cidade pelo aumento das interconexões.

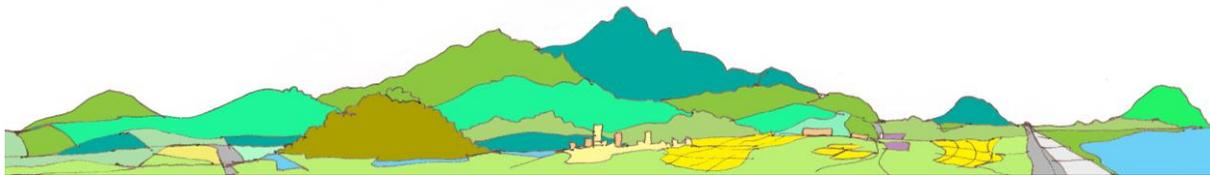
Assim, seja através de uma nova visibilidade do espaço ou de situações de mobilidades híbridas, as TICs aumentam as possibilidades de percepção, de uso e produção de espaço e definem um espaço vivido híbrido. A mediação de nossas experiências no espaço urbano aborda novas estéticas e estrutura formas de interações sociais, baseadas no conhecimento, a memória, as emoções mas também no afetivo.

II. TICS E LÓGICAS AFETIVAS SOCIÓ-ESPAÇIAS

II.1 COESÃO SOCIAL HÍBRIDA

Seja através da visualização aumentada, da mobilidade híbrida ou pela construção de memória coletiva, a mediação coletiva da experiência espacial cria um conjunto de conhecimentos coletivos. Estes conhecimentos são, tanto ligados aos espaços urbanos quanto às relações sócio-espaciais. As TICs são capazes de suscitar um sentimento de pertencimento e coesão social, diretamente ou indiretamente, com relação ao espaço urbano mas também em torno de afinidades comuns. Assim, as TICs permitem “associações sociais empáticas” (MAFFESOLI, 2000, tradução nossa). Cada um pode se associar simultaneamente a vários grupos efêmeros. Podemos comparar esse fenômeno de agrupamento à noção de “tribo” desenvolvida por Michel Maffesoli (2000) As TICs são capazes de “criar uma mediação entre indivíduos, e formar redes que reúnem os homens em um lugar comum, em busca de um objetivo compartilhado” (EGLER, 2013, p. 106). A experiência dos espaços híbridos tem um papel importante na estrutura de nossas relações sócio-espaciais.

Por exemplo, existem vários grupos de indivíduos que se organizam e trocam idéias pelas TICs. Esse tipo de organização social tem muita efetividade na organização de eventos, e particularmente de eventos efêmeros na rua. No Rio de Janeiro, músicos de rua usam as TICs para criar tanto afinidades sociais quanto espaciais. Eles precisam estar associados aos espaços urbanos onde eles estão acostumados a tocar para ter uma visibilidade e, para



isso, “atuam na web através do tipo de comunicação digital (vídeos, posts, associados a hashtags, tweets, etc.)” (HERSCHMANN, 2013, p.12). Essa possibilidade de divulgar informações subjetivas torna-se uma maneira de fazer descobrir a cidade a partir de interesses comuns e troca de sensações. Os músicos criam uma memória coletiva em torno dos eventos que eles fazem e desenvolvem formas de identificação coletivas soció-espaciais. *“Pela mediação tecnológica da experiência, as formas de “estar juntos” baseiam-se sobretudo sobre o sentimento de pertencimento a um lugar, um grupo, onde as formas de identificação institucionais cedam lugar ao espírito comunitário, as interações simbólicas, informais”* (LEITE, 2011, p. 118, tradução nossa).

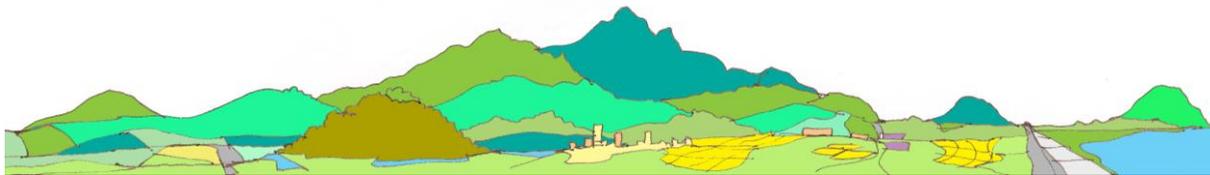
Assim, a mediação digital das experiências pode participar de lógicas de coesão comunitária e desenvolver uma relação afetiva ao espaço. Esse fenômeno tem importante papel no processo contemporâneo de apropriação dos espaços urbanos e constituição dos lugares.

II.2 APROPRIAÇÃO HÍBRIDA DO ESPAÇO URBANO

Além da mediação da percepção do espaço e divulgação da sua experiência, as TICs participam nas formas de representações sociais, integrando informações e conhecimentos sobre o espaço e suas dinâmicas presentes no imaginário e na memória coletiva. Este conhecimento coletivo gera novas relações no espaço graças a sua percepção e os símbolos de interação social. As redes de informação e comunicação no espaço urbano produzem sentimentos de familiaridade entre os grupos de indivíduos e o espaço que conduz diferentes formas de identificação e apropriação espacial.

Reportando-se à definição da noção de “apropriação do espaço”, podemos nos perguntar de qual maneira esses espaços são “domínios dos indivíduos”. Com as TICs, uma nova forma de apropriação do espaço urbano elabora-se, baseada sobre afinidades. As TICs dão a possibilidade de criar formas de apropriação híbrida do espaço, no sentido em que elas não são necessariamente visíveis e fazem parte do imaginário coletivo.

Essa apropriação dos espaços públicos pode ser analisada como uma apropriação coletiva efêmera mas também simbólica que perdura no cyberspaço.



II.3 APROPRIAÇÃO HÍBRIDA E LUGAR EFÊMERO

A combinação das dinâmicas sócio-espaciais com as TICs têm papel crítico da criação de um “espaço afetivo comum” que contribui para redefinição da organização social e da nossa maneira de habitar o espaço.

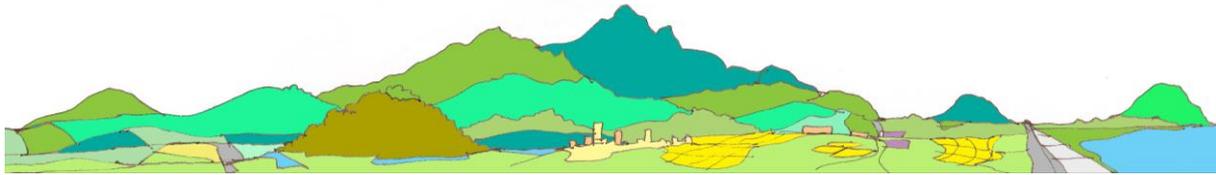
Este espaço vivido híbrido define-se através de formas de apreensão subjetiva e apropriação coletivas do espaço urbano ligadas a experiências sensíveis e afetivas. Ele é na origem da constituição dos lugares. É por essa apropriação coletiva que os lugares são reconhecidos e que eles adquirem um significado para o grupo que o habita. *“Segundo Maffesoli (1996), a cidade caracterizada por ser um espaço sensível, essencialmente relacional, onde circulam as emoções, os afetos e os símbolos partilhados coletivamente. {...} Ele destaca que é a atmosfera do lugar, dada pela sua vivência emocional, que os transforma em lugares conhecidos. É desse ponto de vista que Maffesoli vê delimitados os lugares: a partir das práticas e apropriações das “comunidades estéticas”, mesmo que momentaneamente.”* (La Rocca, Leite, 2008, p.6)

As apropriações do espaço híbrido delimitam, portanto, vários lugares na cidade, mais ou menos efêmeros, que não são necessariamente ligados ao espaço físico em si. Os espaços urbanos contemporâneos estão em uma dinâmica de mutação permanente que necessitam de poder se adaptar.

III. ELABORAÇÃO DO ESPAÇO URBANO HÍBRIDO

III.1 ESPAÇO HÍBRIDO E ORDENAMENTO

De forma geral, o projeto urbano contemporâneo transforma-se segundo a apropriação dos indivíduos., ou seja, uma transformação imaterial. Eles são capazes de arrumar seu ambiente através da sua prática. Contudo, as novas formas de apropriação ligadas à hibridação do espaço urbano são difíceis observar, pois elas não são apenas ligadas a um espaço físico mas também a lógicas de identificação coletiva e relações sociais que se elaboram no cyberspaço.



Considerando este fenômeno, o projeto urbano contemporâneo demanda considerar essas práticas sócio-espaciais no processo projetual. Em particular, um dos desafios do projeto urbano é adaptar-se essas práticas híbridas e tratar da flexibilização dos espaços urbanos.

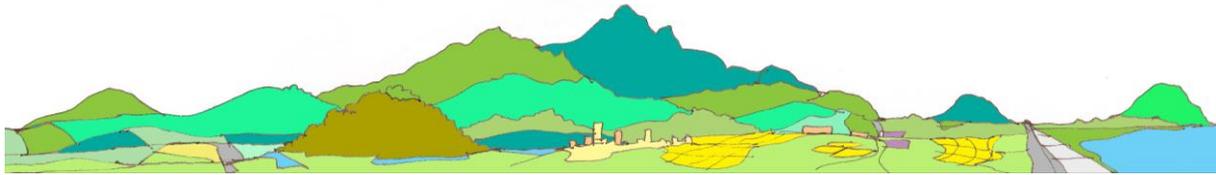
III.2 ESPAÇO HÍBRIDO E INCOMPLETUDE

A consideração da noção de incompletude na elaboração dos espaços urbanos é um fenômeno recente (Pellegrino, 2010). Tudo observado na cidade é o resultado de uma análise realizada a um momento dado, de um sistema dinâmico, não linear e imprevisível. A incerteza é, portanto, uma noção indissociável do processo projetual. Esta noção sempre esteve presente, contudo hoje houve uma mudança paradigmática do processo de projeção, onde a noção de incompletude se torna protagonista. A incompletude define-se como a emergência de uma reflexão filosófica sobre a ordenação dos espaços urbanos, e isso precisamente segundo uma análise semiótica do espaço. *“A incompletude do território permite a emergência segundo uma análise possível do espaço. Com essa ideia, o desenvolvimento dos espaços não para, ele não tem um destino único.”* (Lamizet, 1998, p.57, tradução nossa). Essa abordagem permite a noção de “flexibilidade” no projetar dos espaços urbanos.

III. 3 ESPAÇO HÍBRIDO, ESPAÇO FLEXÍVEIS

A flexibilidade é a capacidade de se adaptar às transformações da cidade. É um processo dinâmico. Trata-se de um modo de pensar, uma maneira de tornar possível a adaptação capaz de fazer surgir projetos criativos, estabelecendo novas relações entre o tempo e o espaço. *“A flexibilidade como faculdade de prever o imprevisível. Ela faz parte das ferramentas urbanas futuras, tal um revelador da vida urbana.”* (DURAND, 2012, p.89, tradução nossa)

Por conseguinte, poderíamos descrever os “espaços flexíveis” como espaços compostos de equipamentos urbanos, serviços e sinalização adaptáveis que permitem a plurifuncionalidade dos lugares. Esse tipo de ordenação favorece uma prática efêmera dos espaços. Eles não são predeterminados e se flexibilizam em relação com as dinâmicas híbridas dos espaços urbanos contemporâneos.



Nos espaços contemporâneos em transformação, as TICs desenvolvem constantemente novas práticas do espaço e formas de apropriação híbridas. Nesse contexto, a elaboração dos espaços torna-se um desafio. Ela não releva mais um projeto clássica mas um “projeto flexível”.

CONCLUSÃO

Nesse artigo, buscamos entender como a mediação digital da experiência do espaço pode criar formas estéticas sócio-espaciais, tais a visualização, o conhecimento e a memória.

Esta combinação das dinâmicas sócio-espaciais com as TICs participa da criação de um “espaço afetivo comum” que contribui com uma redefinição da organização das relações sociais e da nossa maneira de habitar o espaço. Este espaço vivido híbrido define-se através de formas de apreensão subjetiva e apropriações coletivas do espaço urbano ligadas a experiências sensíveis e afetivas.

A influência das TICs na nossa vida renova a nossa abordagem à urbanização e particularmente no projetar dos espaços urbanos. A descrição do conceito de “espaço flexível” introduz como protagonista o indivíduo no centro da reflexão e abre o debate quanto ao processo projetual dos espaços urbanos contemporâneos, doravante híbridos e flexíveis.

REFERÊNCIAS

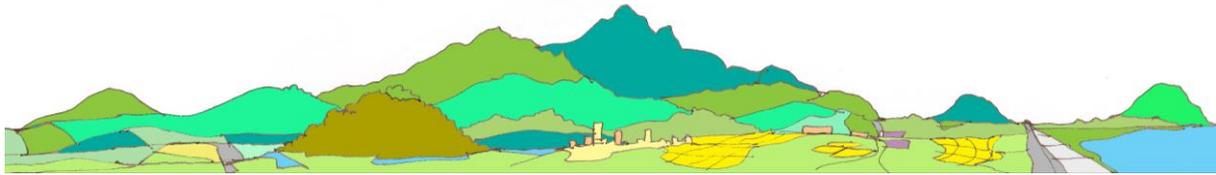
ASCHER, F. Metapolis ou o futuro das cidades, Paris: Odile Jacob, 1995

AURIGI, A.; DE CINDIO, F. Augmented Urban Spaces: Articulating the Physical and Electronic City, Burlington UK: Ashgate, 2008

BERGER, P.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade, Paris: Armand Colin, 2006

DI FELICE, M. Paisagens pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar, São Paulo: Annablume, 2009

DURAND, A. Mutabilidade em urbanismo: ruptura metodológica?, Urbanisme, Paris, nº383, p. 18-23, março-abril 2012



EGLER T. Digitalização do Território, Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013

HERSCHMANN, M. Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das (neo) fanfarras no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UERJ, 2013

LAMIZET, B. Incertezas dos territórios, Quaderni, Paris, n°34, 1998

LA ROCCA F. A cidade em todas as suas formas, Paris: CNRS Ed, 2013

LA ROCCA, F.; LEITE, J. Formas e interfaces do urbano: sentido do lugar na cidade pós-moderna, XV Ciclo de estudos sobre o imaginário, Congresso internacional, Fórum temático “terreno e arquitetura, uma simbiose entre o ser e o mundo”, Recife, outubro 2008

LEFEBVRE H., A produção do espaço, Paris: Anthropos, 2000

LEITE J. Mediação tecnológica no espaço urbano contemporâneo, Sociétés, n°111, p. 115-121, 2011

LEVY P. A inteligência coletiva, Paris: Broché, 1997

LUSSAULT M. O homem espacial. A construção social do espaço humano, Paris: Seuil, 2007

MAFFESOLI, M. No Fundo das Aparências. Petrópolis: Vozes, 1996

MAFFESOLI, M. O tempo dos tribos. O declino do individualismo nas sociedades de massas, Paris: La Table Ronde, 2000

PELLEGRINO M. A dinâmica dos possíveis: incerteza nas práticas de transformação urbana. 2010. Tese (Doutorado em Planejamento do espaço) – Universidade Paris X, 2010